

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA PANDEMIA DE CORONAVÍRUS

REFLECTIONS ON THE TEACHING OF ART IN THE CORONA VIRUS PANDEMIC

REFLEXIONES SOBRE LA ENSEÑANZA DEL ARTE EN LA PANDEMIA DEL CORONA VIRUS

Elton Samuel Moreira de Oliveira da Silva¹

RESUMO: A pesquisa em questão vem mostrar e refletir como ocorreu o ensino aprendizagem dos discentes e docentes ensino de arte no tempo de pandemia de coronavírus, estudando a evolução do ensino de arte na escola e os tempos de pandemia (Espanhola e Suína) ligadas a escola, e mostrar as (in)complexidade do ensino das artes na escola na pandemia de Coronavírus, em razão, devido uma grande escassez de referências de pesquisas acadêmicas, livros, jornais etc. de pandemias anteriores. A metodologia na parte Filosófica, que tem o pressuposto epistemológico, com o Foco Metodológico exploratório. Nos Procedimentos Técnicos e Procedimental é uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. E como Método será materialista histórico dialético, no qual é entendida para processos histórico, explicando a realidade sob enfoque nos processos econômicos e sociais. Aprendemos com a pandemia que a tecnologia, pode ser até a vilã das distrações dos estudantes, mas nesse período possibilitou observar com mais nitidez a potencialidade de utilizar a tecnologia de forma ensino e entretenimento, em um cenário tão obscuro e carregado de incertezas. Educadores, estudantes e sociedade devem continuar em criar relações inclusivas de afeição e discernimento.

1582

Palavras-chave: Educação. Arte. Pandemia.

ABSTRACT: The research in question comes to show and reflect how the teaching-learning of students and teachers of art teaching took place in the time of the coronavirus pandemic, studying the evolution of art teaching at school and the times of pandemic (Spanish and Swine) linked to school, and show the (in)complexity of teaching the arts at school in the Coronavirus pandemic, due to a great shortage of references from academic research, books, newspapers, etc. from previous pandemics. The methodology in the Philosophical part, which has the epistemological assumption, with an exploratory Methodological Focus. In Technical and Procedural Procedures is a bibliographic and qualitative research. And as a Method it will be dialectical historical materialist, in which it is understood for historical processes, explaining reality under the focus of economic and social processes. We learned from the pandemic that technology can even be the villain of student distractions, but in this period it made it possible to observe more clearly the potential of using technology in a teaching and entertainment way, in a scenario so obscure and full of uncertainties. Educators, students and society must continue to create inclusive relationships of affection and discernment.

Keywords: Education. Art. Pandemic.

¹ Formado em Licenciatura em Dança - UEA. E-mail: elton.mo.silva@hotmail.com.

RESUMEN: La investigación en cuestión viene a mostrar y reflexionar cómo se produjo la enseñanza-aprendizaje de alumnos y profesores de enseñanzas artísticas en tiempos de la pandemia del coronavirus, estudiando la evolución de la enseñanza artística en la escuela y los tiempos de pandemia (español y porcino) vinculados a la escuela, y muestran la (in) complejidad de la enseñanza de las artes en la escuela en la pandemia del Coronavirus, debido a la gran escasez de referencias de investigaciones académicas, libros, periódicos, etc. de pandemias anteriores. La metodología en la parte Filosófica, que tiene el presupuesto epistemológico, con un Enfoque Metodológico exploratorio. En Procedimientos Técnicos y Procesales es una investigación bibliográfica y cualitativa. Y como Método será el materialista histórico dialéctico, en el que se entiende por procesos históricos, explicando la realidad bajo el foco de los procesos económicos y sociales. Aprendimos de la pandemia que la tecnología puede incluso ser la villana de las distracciones de los estudiantes, pero en este período permitió observar con mayor claridad el potencial del uso de la tecnología de forma didáctica y de entretenimiento, en un escenario tan oscuro y lleno de incertidumbres. Educadores, alumnos y sociedad deben seguir creando relaciones inclusivas de afecto y discernimiento.

Palabras clave: Educación. Arte. Pandemia.

INTRODUÇÃO

A Arte no decorrer de sua caminhada vai criando, adaptando, transformando cada sociedade e cada cultura, pois um dos fatores que podemos compreender, apreciar e observar o mundo é através da imaginação, modificação e criação desenvolvida pelo homem (arte), donde a partir desta, o homem consegue (re)aprender a conviver com seus semelhantes e respeitar a diferença. E na Educação, a Arte oferece aos estudantes a forma de potencializar essas ideias, enxergar suas/as origens e abrindo caminhos à novos mundos e universos.

Desde modo, se faz preciso enxergar a Arte como objeto de estudo e não como simples atividade escolar, e também, deixar a mecanização de ensino de arte, pois a Educação/Arte não é um aprisionamento - onde só colocar ideias e informações na qual deixa-se pressas - mas uma liberdade - e um devenir de ideias e transformação, ou seja, neste ponto a Educação/Artes deve concentrar a atenção às coisas, em vez de só fomentar conhecimento para que os educandos absorverem. Em outras palavras, o papel do educador em arte, então, não é clarificar o conhecimento, mas prover ideia, interesse e análise na pesquisa modelar da verdade (INGOLD, 2020). Contudo, como fazer este olhar em tempo de pandemia de Coronavírus?

Em decorrência, surgiu o **problema** deste artigo que é: *Como correu o ensino-aprendizagem dos discentes e docentes na matéria de arte na escola no tempo de pandemia de Coronavírus?* E como horizonte desta problemática iremos abordar num viés Histórico, Socioantropológico, Filosófico e Educação/Artes a: Evolução do ensino de arte na escola; Tempos de pandemia (Espanhola e Suína) e a escola; e a (in)complexidade do ensino da arte na escola na pandemia de Coronavírus.

E quando se declara pandemia, o que vem à mente é o medo, o sofrimento e a sensação que devemos parar de lutar pois estamos perdemos algo, uma perda que podemos abordar de generalizada (psicológica e/ou física. Mas, devido a história sobre nosso mundo, não é a primeira pandemia do planeta que passamos/sobrevivemos, houve outras como: peste negra, varíola, cólera, gripe espanhola, suína etc. Nesse período o mundo “parou” para focar em um único objetivo: “a cura”(sobrevivência). Ou seja, comércio, indústrias, apresentações artísticas, igrejas, escolas e universidades “fecham as portas” para se protegerem do vírus. Contudo, indaga-se de que como foi o processo para aqueles que “pararam” os estudos, principalmente a educação básica (Fundamental I, II ou médio). Cabe aqui supor que, as autoridades da época utilizaram algum recurso para repor esses dias/anos perdidos, como por exemplo, não ter férias e ter aulas nos sábados ou domingos, utilização das tecnologias ou também não deram ênfase a causa, simplesmente ignoraram-se e passaram todos de ano, que rompe e deixa uma grande lacuna na educação básica.

Para isto, utilizaremos como horizonte a visão de Lilia Schwarcz e Heloisa Murgel (A Bailarina da Morte, 2020), Tim Ingold (Antropologia e/na Educação, 2020), Marina Marconi e Zélia Presotto (Introdução a Antropologia, 2019), Claudino Piletti (Filosofia da Educação, 1991), Ferraz e Fusari (Metodologia do Ensino da Arte, 2018) e entre outros.

Em vista disso, o **Objetivo Geral** desta pesquisa é: *Investigar* como correu o ensino-aprendizagem dos discentes e docentes na matéria de arte na escola no tempo de pandemia de Coronavírus. Em decorrência, os **Objetivos Específicos** são: *Estudar* a evolução do ensino de arte na escola; *pesquisar* os tempos de pandemia (Espanhola e Suína) e a escola; *descrever* a (in)complexidade do ensino das artes na escola na pandemia de Coronavírus.

Em razão, devido uma grande escassez de referências de pesquisas acadêmicas, livros, jornais etc. sobre como ocorreu o ensino-aprendizagem dos estudantes nos períodos das últimas pandemias (Espanhola e Suína), e para que não aja uma nova lacuna, a pesquisa vem com o propósito de contribuir para comunidade científica e sociedade de como foi a trajetória da Educação (no viés da disciplina de Artes) em tempos de pandemia de coronavírus no ano de 2020, baseado nas entrevistas de professores, estudante e pesquisas recentes sobre o referido tema.

A metodologia e prática de pesquisa deste estudo tem base na visão de Barbosa e Costa (2015), que dividi em: parte **Filosófica**, que tem o pressuposto epistemológico, por orientar o questionamento da formação do ensino-aprendizagem dos discentes e docentes nos tempos de pandemia de coronavírus. Como **Foco Metodológico**, a pesquisa é exploratória, por visar a

criação de novos problemas ou hipóteses, onde volta-se para estudos de algum problema pouco visto. Nos **Procedimentos Técnicos** é uma pesquisa bibliográfica, pois a trilha desta pesquisa é a leitura e análise de materiais já publicados. Na parte **Procedimental**, é uma pesquisa qualitativa, na qual busca introduzir uma conexão entre sujeito e o objeto, para que não haja números como forma de interpretar informações, dados etc. E para finalizar, como **Método** será materialista histórico dialético, no qual é entendida para processos histórico, explicando a realidade sob enfoque nos processos econômicos e sociais (que nesse caso é a sobre como ocorreu o ensino-aprendizagem de tanto os discentes quanto os docentes na pandemia de coronavírus na matéria de Artes), que na visão marxista “... se preocupa com o caráter material (em relação à organização do homem em sua produção e reprodução na sociedade), bem como o aspecto histórico.” (*idem*, p.41).

1. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA PANDEMIA EM MANAUS

2.1. *Devenir - Olhando para trás e refletindo a evolução (A evolução do ensino de arte na educação)*

Quando se pensa em educação remetemos que ela sempre esteve em todas as sociedades, desde “intermináveis conversas travadas entre anciões e jovens ao pé das fogueiras ateadas nos pátios de aldeias ou, ainda, dos estímulos provocados pela relação entre pais, mães e filhos, avós e netos irmãos e irmãs” (MICHALISZYN, 2012. p.9), e se o homem é mutável a educação também é, e sem ela não haveria evolução, e de forma generalizada, a sociedade de uma certa forma se educa, “uma moldagem para o homem”.

O percurso da história desta terra colonizada chamada Brasil, é machucada pela submissão, abuso, violência, desrespeito às diferenças culturais e isenção para as elites coloniais em prejuízo da grande maioria da população. Portanto, com a chegada dos portugueses e com um choque cultural, a Companhia de Jesus, tinha como objetivo de catequizar e instruir os indígenas para serem colaboradores, de forma de aproveitar a mão de obra e serem dóceis, contudo, o ensino não poderia ser interessada pela maioria (plebeus), pois não tinha utilidade à eles, sendo aos poucos modificando-se com a formação elitista colonial, ou seja, “os jesuítas responsabilizaram-se pela educação dos filhos dos senhores de engenhos, dos colonos, dos índios e dos escravos” (PILETTI, 1991, p.34).

Com a expulsão dos jesuítas – pelo fato de serem vigiados por oporem ao controle do governo português - e a reforma pombalina, a escola (educação) começou a mudar de foco para somente interesses da coroa. Segundo Piletti (1991), com essa expulsão, toda base administrativa

de educação foi derrubada e o Estado pela primeira vez assumi este encargo de grande peso. Todavia, comparando o sistema educativo dos jesuítas com da reforma, nota-se que não era a mesma, colocando o sistema jesuíta como “melhor”.

Com a chegada da Família Real, no ano de 1808, o Brasil já mostrava uma modificação cultural aceitável, mas a educação era somente para as elites, principalmente o ensino superior, já que alguns plebeus tinham conhecimento da letra e leitura, patenteando uma educação classista. Ou seja, objetivo da educação, segundo Piletti (1991) no período Imperial era a formação das altas classes – Elite com educação secundária e superior e Popular com educação primária e profissional.

Já no contexto educacional durante a Primeira República, existia ainda esta dualidade do sistema educacional, onde privilegiava a educação da elite e prejudicial a educação popular, mas o sistema federativo de governo, ao ver esta diferença, criaram um sistema educacional um pouco "democrático", onde beneficiava o ensino secundário e superior, em incumbência da União, contudo, a expansão do ensino primário era responsabilizado pelos estados, que na realidade, acabou passando casos de abandono e descaso em alguns estados mais pobres, criando um aumento de analfabetos no país.

Com a revolução de 1930, apresenta-se um tumulto ideológico que move-se discussões e transformações na área educacional, a exemplo dessa transformação é a ideia de educação obrigatória, gratuita e laica, onde surgiu novos projetos, discussões e a responsabilidade do Governo Federal de assumir novas atribuições (PILETTI, 1991).

Dadas as primeiras conquistas para Educação com a revolução de 1930, porém sofre em 1934 enfraquecidas com a Constituição, de acordo com Ghiraldelli Jr. (2011), o Estado não tinha interesse em disponibilizar às classes populares uma educação pública e gratuita. Entretanto, após 24 anos de luta a “... mudança de regime e da nova constituição, a legislação educacional herdada do Estado Novo vigorou até 1961, quando teve início a vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB” (Piletti, 1991, p. 99).

Seguindo a história, o período Ditatorial de acordo com Piletti (1991), distancia-se com as ideias de universalização e democratização, já que antes nunca foram fortificados, focando na repressão e privatizadas do ensino, visto que a classe elitizada permanece isenta com o ensino de qualidade, e excluindo as classes populares, deixando a estes somente o ensino profissionalizante e técnico. Por causa disso, a visão da educação começa a atender e transformar as pessoas em mão de obra, em outras palavras, transformar os estudantes a mercê das necessidades do mercado e na economia. Também nesse período houve mudanças, o governo aprovou uma

Reforma Universitária e reformulou o ensino básico, onde o estudante iria dedicar 8 anos no 1º grau (Ensino Fundamental) e 3 a 4 anos no 2º grau (Ensino Médio) com aumento de disciplinas.

Com o fim do Regime Ditatorial, em 1988 foi promulgada a nova Constituição, onde “cuida da educação e do ensino de maneira especial com referência aos direitos, aos deveres, aos fins e aos princípios norteadores” (SANTOS, 1999, p. 31), na qual garante “Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; Ensino Fundamental obrigatório e gratuito; atendimento em creches e pré-escolas as crianças; valorização dos professores de ensino, com planos de carreira para o Ministério público” (ARANHA, 1996, p. 223).

Em referência com a nova Constituição, foi criada uma nova LDB em 1996, e junto a ela a Carta Magna, na qual oferecem suporte legal na questão de qualidade de ensino. Adiante, o governo federal elabora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), determinando diretrizes para a (re)estruturação dos currículos escolares.

Apesar de toda evolução da educação brasileira, ainda falta muitos documentos para serem consolidados, já que leis e projetos não faltam. O que falta é a eficiência séria entre o documento legal com a realidade, já que atualmente as escolas apresentam situações precárias de ensino e aprendizagem, principalmente como estrutura, materiais pedagógicos, valorização de professores, capacitação as novas tecnologias etc. situações que impossibilita o Brasil a crescer de forma de qualidade e democrática. Contudo, alguns já foram alcançados como o: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), criado em 1968, onde perpetua muitos programas para autonomias das escolas, mostrando ao estudante melhores condições de acesso e permanência na qual desenvolvemos suas potencialidades; para deixar igualitário o acesso ao ensino superior, cria-se em 2005, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para medir as notas e utilizar no Programa Universidade para Todos (ProUni) ou Seleção Unificada (Sisu), onde concede bolsas de estudos; Em 2007, cria o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), como fonte de recurso direcionados a educação e no mesmo ano cria-se o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que objetiva completar as deficiências e carências da educação.

Já a Arte na escola irá ter oportunidade para o ensino no início no século XIX, com a criação da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro no ano de 1816, ou seja, partindo da leitura acima, o ensino era pensado para o campo técnico com o objetivo de qualificar o estudante para o mercado de trabalho. Devido a isso, surgiu um movimento chamado de Escola Nova (no mesmo século), que era o oposto da Escola Tradicional, onde passa a atentar com os métodos de ensino, principalmente a relação de estudante e professor. (FERRAZ, FUSARI, 2018)

Vale ressaltar que nessa época não existia curso de arte-educação no ensino superior, apenas cursos de artes visuais (desenhos). Com a lei federal 5.692/71 que torna obrigatório o ensino de artes na escola, o governo federal cria novos cursos de graduação para capacitar o professor na disciplina de educação artística (já que não tinha muitas pessoas formadas na área para ministrar aula), onde o curso de licenciatura em Educação Artística nas universidades capacitava o professor no período de dois anos para licenciar em sala de aula. Para Ana Mae Barbosa (2009), o curso de Educação Artística era uma barbaridade, pois não era possível estudar as quatro vertentes da Arte (artes visuais, música, teatro e dança) para formar um professor em apenas dois anos.

A introdução da educação artística na área educacional teve um avanço conforme o PCNs de Arte (1997), todavia, não era eficiente os cursos de curta duração, logo não estavam aptos e prontos para ministrar as vertentes da arte. Em consequência com o ensino da arte, nos anos 1980, surgiu o Movimento Arte-Educação, com milhares de professores, que tinha como horizonte a organização da área de artes, o reconhecimento do estudo e a capacidade do professor em frente as teorias/práticas do ensino da arte junto com as quatro vertentes, mostrando que a arte tem uma grande função no ensino e na aprendizagem na escola.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCN, 1997, p. 15)

Isto ajuda muito já que a criança segundo Barbosa (2009), é talentosa ao apreciar, expressar e refletir sobre a arte, portando, o ensino de arte não deveria ser somente acúmulo de informações na teoria e mecanização/reprodução na prática, mas mostrar que a arte é uma construção de conhecimento permitindo à criança/estudante realizar na criação artística vivências, percorrendo caminhos de aprendizagem que futuramente irar motivar conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo.

Hoje, o ensino da arte no Brasil ainda tem obstáculos quando ao ensino, principalmente pela pequena quantidade de livros, matérias e pelo pequeno acesso as temáticas ou constantemente pela falta de valorização do ensino (como dito já acima sobre a educação), redundando-se em aulas mecanizadas e desenvolvida, utilizando-se somente com desenhos mimeografado como formas estereotipadas para os estudantes só colorirem, e/ou somente ser lembrada em datas comemorativas, na criação de presente, canções prontas para pais, aniversário da escola etc. (BARBOSA, 2012)

O professor não é somente um transmissor de conhecimento e ideias, mas "prover inspiração, orientação e crítica na busca exemplar da verdade" (INGOLD, 2020, p. 10), ou seja, um observador na qual necessita conhecer além dos conteúdos artísticos mais também os gostos artísticos dos estudantes. Como dizia Ferraz e Fusari (2018, p.33) "(...) o professor que está trabalhando com a arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva desdém."

Em outras palavras, buscando sempre a trabalhar com a auto-expressão, ou com o ensino da história da arte levando os estudantes a museus, teatros e apresentações artísticas locais ou nacionais (caso tenha companhias de outras cidades).

2.2. *Não é uma gripinha e nem um Resfriadinho (Os tempos de pandemia ‘Espanhola e Suína’ e a escola)*

A educação e a vida de estudantes vêm sendo afetada com a nova (segunda) pandemia do século XXI, na qual universidades e escolas básicas “fecham” suas portas para assegurar a saúde dos discentes, docentes e população, para que não haja uma proliferação do vírus, e como recurso para os estudantes (de forma generalizada) não ficarem “parado nos estudos” utiliza-se como ferramenta a tecnologia a seu favor nas escolas/universidades. Mas neste primeiro momento, iremos estudar como foi o processo de ensino escolar nos anos de 1918 (Espanhola) e 2009 (Suína) quando a pandemia chegou no Brasil. Vale ressaltar que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), só se declara Pandemia quando a transmissão inter-humana sustentada e atingindo mais de duas regiões do globo.

1589

Em 1918, o mundo estava na final da Primeira Guerra Mundial, e a imprensa começa a publicar o surgimento de uma determinada gripe epidêmica que vem proliferando pela Europa, notícias publicadas principalmente pela Espanha, no qual era neutra na Guerra e não existia censura nas notícias. Mas, a população não se importava destas notícias que haverias pessoas se recuperando/morrendo por causa desta gripe. Vale ressaltar que essas notícias eram colocadas em segundo plano, pois foco era ainda Guerra (Jornal 1). Por causa disso, é errôneo afirmar que a gripe surgiu na Espanha. Não existe comprovação sobre seu surgimento, somente comentários e hipóteses, e já que a Espanha era única no momento a divulgar sobre o vírus, a mesma ficou conhecida como gripe espanhola.

Com o passar dos dias, os casos de contaminação aumentavam e os jornais começaram a focar na epidemia colocando em primeira página, até que os primeiros casos começaram a surgir no Brasil: Bahia, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro como os primeiros (Jornal 2).

Na cidade de Rio Grande e Pelotas, consideradas na época como centro de grandes comércios e indústrias, a epidemia foi após a contaminação das cidades citadas acima, contudo, os jornais que tinha ligação com o governo mesmo divulgando sobre o vírus, minimizavam alegando que não era necessário alerta ou entrar em pânico. Mas quando os números de casos já estavam ultrapassando mais de 5 mil mortos (SCHWARCZ, STARLING, 2020, p.633-12), a postura começou a mudar. E como observação, as imprensas que não tinha ligação ao governo, alertavam sobre a gravidade do vírus, mas as mesmas foram censuradas pelo governo. (SANTOS, VARGAS, VARGAS, 2020, p.9).

Devido a isso, surgiu questões que devem ser apontadas, após a proliferação do vírus em todo o Brasil e as pessoas começarem a viver em “Quarentena”. É interessante apontar que, na cidade de Manaus a Assembleia Legislativa do Estado alegava que não era necessário tratar do assunto devido passar para a população “a impressão de que tudo estava sob controle”. (SCHWARCZ, STARLING, 2020, p.664), ou seja, políticas que deveriam cuidar do povo minimizavam o poder do vírus e “deixando” a população a Mercê dele. Outro como exemplo que podemos também apontar, segundo Santos, Vargas e Vargas (2020, p. 10) no Brasil ocorria:

[...] o abuso de medicamentos sem controle de dosagem, destacando os envenenamentos por quinino, e surgimento de fórmulas milagrosas contra a moléstia, a elevação de preços de algumas mercadorias, sendo que, a frente a isso as autoridades criavam tabelas para controlar os preços. E por fim, movimentos de solidariedade com doações e assistências as pessoas mais pobres.

o vice-presidente Delfim Moreira, segundo a revista UOL History (s/a), assina um decreto, pois não iria esperar a votação do Senado e Câmara para aprovação automática de todos os estudantes matriculados, sem haver reposição de aula.

Jornal I - Jornal do Commercio (AM) 14/09/1918



Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=170054_01&PagFis=43492&Pesq=Gripe%20e%20panhola acessado no dia 10/01/21

Em Abril de 2009, o mundo novamente se depara com uma nova batalha, uma nova gripe epidêmica chamada de Influenza A (H1N1), conhecida depois de G

Jornal 2 - Jornal do Commercio (AM) 27/09/1918



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=170054_01&PagFis=43492&Pesq=Gripe%20epidemia> acessado 10/01/21

ripe. Suína. Diagnosticada primeiramente no México, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara em julho do mesmo ano a gripe em uma pandemia, devido o vírus espalhar-se rapidamente pelo mundo. No Brasil, a imprensa e o governo começam a noticiar boletins diários com atualizações consecutivo de informações sobre quantidade de ocorrências, internamentos, gravidade dos casos e mortes.

De acordo com Greco, Tupinambás e Fonseca (2009), os estados brasileiros mais afetados pela Gripe Suína foi: São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Distrito Federal, Espírito Santo, Bahia e Mato Grosso. E para isso, o Ministério da Saúde (2010), dividiu duas fases de contenção e mitigação. Essas fases das ações de vigilância estavam focadas em reduzir a disseminação do vírus nos pontos de entrada do país (já que o vírus era do exterior), no objetivo de identificar casos suspeitos - 1ª fase, e caso houvesse

seria automaticamente levada em isolamento, tratamentos com antivirais e quarentena de contatos - 2^o fase.

Já na Educação, segundo a revista UOL Educação (2009), a OMS divulgou no dia 21/07/09 um comunicado que solicitava os países a levar em consideração a suspensão das atividades escolares como forma de combater a Gripe Suína, já que a escola é uma das potências transmissora do vírus. Devido a isso, o Ministério da Saúde no dia 27/07/09 informa a alteração do calendário escolar que fica sob avaliação nos governos estaduais e municipais nos critérios das secretarias estaduais de saúde e educação; e caso o aluno tenha sintomas da gripe, evitar de ir à escola até que esteja completamente curado; e esse aluno será acompanhado por um médico.

A exemplo disso, o Colégio Marista Dim Silvério, em Belo Horizonte, adiou as férias devido os casos da Gripe Suína, sendo que o calendário não irá sofrer alteração. No caso das escolas da rede estadual e privado de São Paulo, prolongaram as férias até dia 17/08/09, isso incluindo escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio e universidades de forma presencial. (OTempo, 2009)

No caso do Amazonas, o Conselho Estadual de Educação do Amazonas (CEE-AM) apresentou, antecipar o fim do ano letivo tanto para escolas públicas quanto para as particulares de Manaus. A Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas (SEDUC-AM) comunica que, devido o período chuvoso e úmido no mês de dezembro e benéfico para gripe, justificando que: “É uma medida preventiva que protegerá nossos alunos da gripe suína especialmente a partir de dezembro, quando aumenta a circulação de vírus sazonais de gripe por causa das chuvas” (UOL Educação, 2009) fala da presidente substituta do Conselho Estadual de Educação do Amazonas, Darci Neves. Portanto, ficou decidido que para alcançar o objeto será necessário ministrar aulas nos finais de semana e alguns feriados de forma presencial, cumprindo os 200 dias letivos e as 800 horas de estudo, determinados pela Lei de Diretrizes e Bases (LBD-97).

1.1 A (In)Complexidade do ensino das Artes na escola na pandemia de Coronavírus

Quando alertado em estado de quarentena em todo território brasileiro, nunca foi esperando que iria demorar tanto para que voltássemos às ruas sem ter uma preocupação de nos infectar, de abraçar, de beijar, de aglomerar com as pessoas que mais gostamos. Já faz um ano que estamos “presos” em nossas residências só saindo para o necessário. E como professor, fico-me reflexivo sobre como era as aulas presenciais, de ter contado e diálogo com os estudantes, que

tanto para mim quanto para eles criou-se aspectos que fizeram sentir a perda de controle e o sentimento de importância em sala de aula.

Não é de agora que o homem está sujeito a tecnologia. Quando se cria a internet, as redes sociais o contado com o outro foi se perdendo, se “distanciando”, apesar de olhar o outro por trás de uma tela. A escola, vem trabalhando sobre a importância deste contato com o outro e como podemos utilizar estas tecnologias de forma prazerosa para nosso corpo e estudo, porém de forma presencial, o oposto para aulas virtuais que infelizmente fomos “obrigados” a ministrar.

Existe uma complexidade ao ministrar aula de artes, devido a falta de acesso a internet para alguns estudantes e deste contato mesmo que seja no virtual com o professor. E para que não haja essa “desigualdade de ensino”, alguns governos estaduais criaram projetos de aulas nos canais de televisão e rádio. Um dos estados que utilizam este meio sem que existisse a coronavírus é o estado do Amazonas. E também há uma incomplexidade, pois uma outra parcela consegue usufruir os ensinamentos e atividades que são solicitadas.

Esta mudança cultural diminuiu muito o contanto pessoal e aumenta ainda mais o contato de conexão, que as vezes é estável ou inexistente. Estudar, trabalhar ou ministrar aula em casa (Study, Work, Teach Class at Home) torna-se desafiador tanto para o professor quanto para o estudante, pois, como digo em sala de aula para eles - Tudo pode acontecer quando estamos em casa. Deste o gato pulando encima do computador até a música do vizinho que está alta, e está tudo bem, pois nem todos possuem um escritório, lugares específicos de estudos em casa ou uma internet de boa qualidade. Só precisamos nos dedicar e focar nos objetivos/estudos. Mesmo que está frase seja dolorida, mas “devemos nos se virar” no momento.

Os docentes/educadores são naturalmente autores de experiências de aprendizagem, que para o professor de artes ao entrar numa sala de aula e ministrar aula para 40 estudantes, mostrando a eles a importância da disciplina e ajudando no processo de compreensão de alguns assuntos tão complexos é uma qualidade extraordinária. Isto, de forma virtual se torna muito mais desafiador, para que haja um compreensão e sinal de importância, pois ensinar arte requer uma relação interpessoal, para que haja um desenvolvimento deles com o mundo e seus sentimentos e emoções.

Merleau-Ponty (2008) em seu curso da Sorbonne, já dizia que o estudante ao chegar na escola já levava várias informações e realidades transmitidas no decorrer de suas vidas, e que o professor necessita conhecer essas informações e realidades para possibilitar estratégias de ensino que aproximem o máximo de estudantes possíveis.

Devido a isto, foi visto em jornais e revistas de educação que educadores artísticos (professores de arte) vieram mostrar como utilizar esta ferramenta - internet - de forma mais divertida sem que os estudantes fiquem sobrecarregados, pois, passar 30 a 50 min de uma única aula de frente de um computador e/ou smartphone é muita estressante para a criança e/ou adolescente, lembrando se caso ele tenha internet. Uma das estratégias é intercalar as aulas expositivas com partilhas oral do conteúdo, fazer debates e atividades práticas como: ensaios fotográficos digitais, dançar e/ou atuar com aplicativos de edição, criar músicas e/ou sons com elementos que existem em casa, visitas de museus e/ou espetáculos online etc.

Isto vem recordar das falas de Ferraz e Fusari (2018) que a escola não é o único lugar onde se pode vivenciar, apreciar e fazer arte. E mesmo que, fiquemos em casa há outras formas de aproximação das formas artísticas e entender este processo e história. “A formação escolar pode e deve contribuir para que os alunos, a partir dessas vivências, aprendam, durante os cursos, novas habilidades e saberes básicos, significativos e ampliadores de suas sensibilidades e cognições a respeito dessas modalidades artísticas.” (2018, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos tópicos abordados, podemos observar que o ensino de arte no Brasil induziu e proporcionou melhorias da formação do arte-educador e na distribuição do currículo escolar no Brasil. Essas mudanças frisaram na valorização do ensino, obtendo um significado em fazer arte, pois o estudante tem a chance de explorar, vivenciar e entender inúmeras linguagens da arte, estando em um devenir e permitindo o estudante à uma nova compreensão e sagacidade do mundo artístico e do mundo real em que vive, mesmo de forma virtual.

Pressupõe-se que para incentivar o estudante no âmbito artístico escolar, é essencial saber os dados históricos para que os estudos ministrados sejam efetuados de forma eficaz. Provindo deste entendimento em que o estudante se passa, é fundamental estudar a história da arte e o currículo escolar, para assim potencializar outras práticas de ensino e aprendizagem.

Vimos também sobre o que foi a pandemia da gripe espanhola e suína como afetou a educação brasileira e também como a política via a situação e tentou “solucionar”.

Antes de finalizar esse texto é necessário falar sobre as (In)Complexidade do ensino de arte que vem deste natureza nova da realização de estudos virtuais. Desde já, admito qualquer omissão que posso ter feito e me coopero com meus colegas educadores que diariamente estão criando e reinventando. Já existia desafios para o educador, principalmente para o setor público,

e agora, o desafio aumentou mais devido a modalidade de ensino à distância que agrava a educação.

Como vimos um pouco acima, a complexidade é a dificuldade com as tecnologias digitais, pois nem todos os docentes sentem-se acolhido ou convidativo no mundo digital, e já os discentes alguns possuem acesso aos meios tecnológicos, e quando algum tem, a dificuldade é uma internet favorável e/ou a ferramenta digital está desatualizada.

A pandemia também trouxe a desigualdade educacional de forma escancarada em todo território brasileiro, e saliento que não cabem nos limites deste texto as problematizações, pois os objetivos eram, investigar a história da arte educação, pandemia e educação e por fim mostrar o que foi ou será feito nesta pandemia com a educação. É prazeroso (re)conhecer a história da educação e arte, e como elas foram resolvidas com as pandemias anteriores. Tenhamos que deixar claro, sem romantizar que, o que estamos vivendo não pode se falado que é algo normal. Sobreviver em uma crise sanitária é uma adaptando à situação e não como novo normal. O Novo só existirá quando a OMS decretar fim de pandemia.

Aprendemos com a pandemia que a tecnologia, pode ser até a vilã das distrações dos estudantes, mas nesse período possibilitou observar com mais nitidez a potencialidade de utilizar a tecnologia de forma ensino e entretenimento, em um cenário tão obscuro e carregado de incertezas. Educadores, estudantes e sociedade devem continuar em criar relações inclusivas de afeição e discernimento.

Para finalizar trago alguns ensinamentos de José Moran (2020) em seu artigo *A culpa não é do Online*, que se acredita que seja fundamental prosseguir com esse novo formato de projetos educacionais que sejam adaptáveis e de valor. Isocronicamente que realizamos as metamorfoses, é significativo estabelecer um propósito de mudanças nas instituições de ensino para que de fato sejam presentes, relevantes e mais expressivos nos anos que vierem.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Brasil no Século XX: o desafio da educação**. In: _____. *História da Educação*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

BARBOSA, Ana Mae, (org). **Inquietações e mudanças do ensino da arte**, 7ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. BASTOS, Tavares. **A Imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, Evandro, COSTA, Thaís, **Metodologia e Prática em Filosofia**, Pelotas: NEPFIL online, 2015. Disponível em: <<http://nepfil.ufpel.edu.br/dissertatio/index.php>> acessado no dia 20/02/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigilância de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), de Síndrome Gripal (SG) e de internações por CID J09 a J18. Informe Técnico de Influenza**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERRAZ, M. H.C.T. FUSARI, M.F. **Metodologia do Ensino da Arte** – São Paulo: Cortez, 2018.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **História da Educação**. 4ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2011

GRECO, D. B.; TUPINAMBÁS, U.; FONSECA, M. **Influenza A (H1N1): histórico, estado atual no Brasil e no mundo, perspectivas**. *Rev Med Minas Gerais*, Belo Horizonte, v.19, n.2, p.132-139, jul, 2009.

Jornal Digital UOL Educação, OKADA, Ana - **Após recomendação da OMS de suspensão de aulas, Ministério da Saúde não tem plano para o retorno das aulas**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/07/21/ultio5u8394.jhtm>> acessado no dia 12/02/21

Jornal Digital UOL Educação, PRAZERES, Leandro - **AM antecipa fim de ano letivo por causa da Gripe Suína; 230 mil começaram férias no final de Novembro**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2009/09/08/am-antecipa-fim-do-ano-letivo-por-causa-da-gripe-suina-230-mil-comecam-ferias-no-final-de-novembro.htm>> acessado no dia 12/02/21

Jornal Digital History UOL: **Como à pandemia de gripe espanhola afetou a educação brasileira em 1918**. Disponível em: <<https://history.uol.com.br/noticias/como-pandemia-de-gripe-espanhola-afetou-educacao-brasileira-em-1918>> Acessado no dia 10/01/2021

Jornal OTEMPO, ALVES, Karina - **Cultura Inglesa Adia Férias** Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/brasil/cultura-inglesa-de-bh-adianta-ferias-1.624930>> acessado no dia 12/02/21

Hemeroteca Digital Brasileira: **Jornal do Commercio (AM) ano de 1918**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>> Acessado no dia 29/01/2021

MORAN, José. **A culpa não é do online**. *Porvir*. São Paulo. 29 jun. de 2020. Disponível em: <<https://porvir.org/a-culpa-nao-e-do-online-contradicoes-na-educacao-evidenciadas-pela-crise-atual/>> acessado no dia 04/03/2021

PILETTI, Claudino. **Filosofia da Educação**. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

SANTOS, Maria Januária Vilela. **História Antiga e Medieval**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

SANTOS, Rita de Cássia, VARGAS, Francisco, VARGAS, Gabriela. **Educação em tempos de pandemia: Uma narrativa da gripe espanhola à COVID-19**, *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v. 6, n° 2, 2020.